

A ESTRANHA OBJETIVIDADE DO VALOR: TRABALHO, IDEOLOGIA E CAPITAL NO PENSAMENTO DE MARX*

[THE STRANGE OBJECTIVITY OF VALUE: LABOR, IDEOLOGY AND CAPITAL IN THE THOUGHT OF MARX]

Wécio Pinheiro Araújo

Professor adjunto da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutor em Filosofia pelo Programa Integrado de Pós-graduação em Filosofia UFPE/UFPB/UFRN, com estudos doutorais na Alemanha (HGB-Leipzig) mediante bolsa CAPES/PDSE. O autor mantém um blog no qual escreve sobre filosofia política, que pode ser acessado em: <https://wecio.blogspot.com>

(E-mail: weciop@hotmail.com)

Recebido em: 28 de fevereiro de 2019. Aprovado em: 02/03/2019

* Esse artigo resulta da pesquisa doutoral do presente autor, realizada com fomento do Programa CAPES/PDSE, mediante bolsa sanduíche (Brasil/Alemanha) sob o Processo nº. 88881.133482/2016-01.

A estranha objetividade do valor: trabalho, ideologia e capital no pensamento de Marx

PINHEIRO ARAÚJO, Wécio

Resumo: Em *O Capital*, Marx nos alertou que a mercadoria tem um caráter misterioso que carrega “sutilezas metafísicas e argúcias teológicas”. Este artigo tenta decifrar um pouco desse mistério buscando decodificá-lo naquilo que denominamos como a estranha objetividade do valor. Para isso, analisamos a relação entre a ideologia e o valor a partir da crítica marxiana à mercadoria, consignada à lógica de Hegel. Vemos que o valor se constitui como razão ontológica da mercadoria enquanto produto do processo de trabalho que carrega uma racionalidade imanente, isto é, um espírito socialmente produzido que se objetiva à medida que é vivenciado pelos indivíduos como uma lógica social que rege as relações nesta sociedade. Isso se dá por meio de “sutilezas metafísicas” na formação da realidade social marcada por contradições estabelecidas entre, de um lado, o conteúdo objetivo das relações sociais, e de outro, a forma como essas relações são vivenciadas pela consciência na sociedade capitalista. Nesta relação entre conteúdo e forma, encontramos determinações de profundidade ontológica entre o valor e a ideologia, enquanto forma social que opera harmonizando as contradições constituintes da realidade social, a exemplo do que acontece no trabalho assalariado. A mediação ideológica se põe como uma progressão imanente à materialização da vivência concreta da relação entre capital e trabalho no salário, de maneira a naturalizar a exploração que se esconde na estranha objetividade do valor que se realiza na troca de mercadorias. Concluímos que a conexão ontológica entre o ser social e a mercadoria é socialmente ubíqua, precisamente por conta do seu caráter ideológico na formação da sociabilidade a partir do processo de trabalho subjugado ao capital.

Palavras-chave: Valor. Ideologia. Trabalho, Capital. Salário.

Abstract: In *Capital*, Marx warned us that the commodity has a mysterious character bearing "metaphysical subtleties and theological insights." This article attempts to decipher a little of this mystery by decoding it into what we call the strange objectivity of value. For this, we analyze the relation between ideology and value from the Marxian critique of the commodity, consigned to the Hegelian logic. We see that value is constituted as the ontological reason of the commodity as the product of the labor process that carries an immanent rationality, that is, a socially produced spirit that is objectified as it is experienced by the individuals as a social logic that governs the relations in this society. This is done through "metaphysical subtleties" in the formation of social reality marked by contradictions established between, on the one hand, the objective content of social relations, and on the other, the way in which these relations are experienced by consciousness in capitalist society. In this relationship between content and form, we find determinations of ontological depth between value and ideology, as a social form that operates by harmonizing the constituent contradictions of social reality, as in wage labor. Ideological mediation is seen as an immanent progression to the materialization of the concrete experience of the relation between capital and labor in wage, in order to naturalize the exploitation that is hidden in the strange objectivity of the value that is realized in the exchange of commodities. We conclude that the ontological connection between the social being and the commodity is socially ubiquitous precisely because of its ideological character in the formation of sociability from the labor process subjugated to capital.

Keywords: Value. Labor. Ideology. Capital. Wage.

A estranha objetividade do valor: trabalho, ideologia e capital no pensamento de Marx
PINHEIRO ARAÚJO, Wécio

“O contrário é convergente e dos divergentes a mais bela harmonia.”

Heráclito¹

Na sociedade capitalista, o caráter misterioso da mercadoria se produz sob a determinação da contradição em um processo que envolve operações ideológicas de profundidade ontológica. No entanto, não se pode deduzir o fetichismo da mercadoria e suas formas de manifestação meramente a partir de mecanismos ideológicos; nem muito menos tornar um fenômeno equivalente do outro; são movimentos distintos, embora estabelecem uma interação complexa, ineliminável e pervasiva (*pervasive*)² à realidade social nesta sociedade.

Nesta análise, buscamos captar algumas mediações que compõem a negatividade imanente à racionalidade conjurada nas contradições estabelecidas entre, de um lado, a lógica social fetichista da mercadoria decifrada na sua razão ontológica (o valor), e de outro, o papel da ideologia na constituição da forma como o conteúdo das relações sociais fundadas na relação entre capital e trabalho é vivenciado pelos indivíduos sob esta lógica social da mercadoria. Antes de desenvolvê-la em pormenores, elaboramos a questão inicialmente em poucas palavras: a ideologia, no campo político, diz respeito à dominação social; mas essa dominação decorre de uma razão ontológica de caráter social e também econômico. Ocorre que, no capitalismo, o trabalho produtivo é subjugado pelo seu produto invisível: o valor, e este é a razão ontológica da mercadoria, seu espírito socialmente produzido. Todo esse mistério só pode ser decifrado no exame das sutilezas da estranha objetividade de uma forma social central à sociabilidade moderna: a forma do valor (*Wertform*).

A dialética deste movimento entre conteúdo e forma enquanto momentos que se supressumem pode ser assim desenhada: o valor é uma potência virtual quanto ao conteúdo material da riqueza social – posto que na constituição material das mercadorias não está presente, é invisível –, porém, como uma virtualidade socialmente produzida é capaz de disparar determinações reais e concretas na forma como este conteúdo é vivenciado pelos indivíduos nas relações sociais sob o cariz das sutilezas metafísicas da mercadoria. Essa costura entre conteúdo e forma é garantida pela mediação ideológica na constituição da interação entre realidade e consciência na sociedade moderna; ou seja, onde há distensão e ruptura, a ideologia produz harmonização. Como escreveu Adorno em seus *Três Estudos sobre Hegel*: “A história de uma época não é um desenvolvimento harmônico [...] Apenas a ideologia, que nega o caráter antagonístico da sociedade, produz tal harmonia” (2013, p. 167)³. Trata-se de uma esfera profunda (ontológica) da realidade, geradora daquelas determinações sociais que regem todo o modo de ser na produção social da vida humana, como indivíduo e como sociedade na complexidade do mundo capitalista.

Por sua vez, importa lembrar que o sentido histórico do conceito de ideologia surgir na modernidade se justifica no fato de que, neste período histórico, ocorre um movimento de estranhamento bem mais complexo do que em outros períodos da história humana. A partir de

¹ Cf. HERÁCLITO, 2012, p. 129.

² Oriundo do inglês *pervasive*, o termo “pervasivo” não existe no vocabulário português, pelo que o utilizamos como um neologismo que traduz a concepção de algo ou algum processo que está embarcado na constituição da realidade social de forma invisível para a consciência.

³ Na sua *Teoria Estética* (1988), Adorno também traz uma belíssima elaboração ao observar que “A contradição testemunha os antagonismos da realidade”; isso nos dá uma forte justificativa teórico-metodológica para que, sempre que buscarmos fazer a crítica dessa sociedade, ter em mente que é preciso buscar a dialética da negatividade na contradição; é este o conduto de passagem que carrega a mediação capaz de desnudar a astúcia da forma ideologia.

A estranha objetividade do valor: trabalho, ideologia e capital no pensamento de Marx PINHEIRO ARAÚJO, Wécio

Hegel⁴, Marx oferece as linhas gerais para o acesso ontológico capaz de nos permitir alcançar esse caráter obtuso da forma ideologia revelado justamente em demover a consciência de que a realidade humana é produto da sua própria atividade historicamente condicionada e socialmente estabelecida. Sob o véu da ideologia, o sujeito não se reconhece enquanto razão última e primeira do seu próprio mundo e, facilmente, tudo aquilo que é produto social e histórico passa a ser vivenciado como verdades naturais e evidentes.

Marx buscou captar essa questão na particularidade das relações sociais constituintes da sociedade moderna, ao falar do capital e do seu movimento fetichista a partir da mercadoria enquanto veículo que carrega uma estranha objetividade, posto que se configura em uma contradição entre aparência e essência, que é simultaneamente real e virtual, em uma palavra: o valor. Em *O Capital*, encontramos uma crítica da ideologia como uma crítica do dinheiro de profundidade ontológica em sua gênese: a forma do valor (*Wertform*) enquanto uma relação social viva em suas variadas manifestações objetivas (a mercadoria, o dinheiro, o salário, etc.), e que determina o espírito do mundo moderno na sua expressão mais poderosa: o capital⁵. Todas essas manifestações objetivas são também relações sociais que carregam a mediação da forma ideologia. Entrementes, importa recordar que Marx herda de Hegel⁶ a chave heurística da questão: aquilo que

⁴ A ontologia hegeliana determina-se pelo homem como ser que por meio da negação dialética põe-se em ação no mundo, em um processo composto de momentos que se negam uns aos outros, num constante e mútuo suprassumir (*Aufheben*). É na negatividade que o trabalho se revela como mediação que permite a Marx afirmar este indivíduo que se autoproduz como ser social (MARX, 2008, p. 107). A atenção de Marx é atraída pelo fato de que Hegel, ao conceber “o homem como um processo” (Ibidem, p. 123), toda essa dinâmica é marcada por um elemento decisivo que a caracteriza histórico e socialmente como práxis: a negatividade como mediação no e pelo trabalho – assim como aponta Hegel na filosofia do direito quando trata do sistema de carências na sociedade civil-burguesa. Sob esta compreensão, o agir singular é também agir universal à medida que esse indivíduo integra uma sociedade fundada no processo de trabalho, na qual trabalha para outros e reciprocamente também depende do trabalho de outros; assim, são estabelecidas relações concretas e inelimináveis dos indivíduos entre si, e cria-se historicamente a sociabilidade humana como sociabilidade no e pelo trabalho. Hegel nos permite compreender o lógico (*das Logische*), não como o pensamento lógico em si (no sentido epistemológico), separado do sujeito, mas como o próprio ser revelado no e pelo pensamento que se expressa no discurso (*logos*): eis a razão ontológica assentada no trabalho, dado que este ser revelado é auto-atividade historicamente condicionada e socialmente determinada. Para aprofundar um pouco mais a questão, vide também a nota de rodapé de número 6.

⁵ Como escreveu Marx nos seus *Grundrisse*: “O capital é a potência econômica da sociedade burguesa que tudo domina. Tem de constituir tanto o ponto de partida quanto o ponto de chegada” (2011, p. 60).

⁶ O caráter social do trabalho é desenhado por Hegel como uma determinação fundante da consciência na seção B. *A efetivação da consciência de si racional através de si mesma*, da *Fenomenologia do Espírito*; passagem, em especial, destacada pelo próprio Marx em uma nota de rodapé dos Manuscritos de 1844 (MARX, 2008, p. 123, nota de rodapé n.º. 29) – da qual extraímos um trecho *in loco* da indicação marxiana em Hegel: “O trabalho do indivíduo para prover as suas necessidades, é tanto satisfação das necessidades alheias quanto das próprias; e o indivíduo só obtém a satisfação de suas necessidades mediante o trabalho dos outros. Assim como o singular, em seu trabalho singular, já realiza inconscientemente um trabalho universal como seu objeto consciente: torna-se sua obra o todo como todo, pelo qual se sacrifica, e por isso mesmo dele se recebe de volta. Nada há aqui que não seja recíproco, nada em que a independência do indivíduo não se atribua sua significação positiva – a de ser para si – na dissolução de seu ser-para-si e na negação de si mesmo” (HEGEL, 2008, p. 251). A efetivação da consciência de si sob a razão (*Vernunft*) ocorre por uma mediação estabelecida através da própria consciência, mediação esta identificada por Hegel na determinação social do processo de trabalho. A união entre o singular e o universal se dá pela inferência de que o trabalho é sempre um processo social no qual não se pode isolar ou separar as partes que o constituem enquanto um todo que se revela como a razão ontológica das sociedades humanas. Portanto, em Hegel, a questão encontrada no trabalho que remete ao conceito de Espírito (*Geist*) é que neste está implícito, assim como na Ideia (*Idee*), a razão (dialética) que opera no movimento do próprio conceito de trabalho enquanto forma lógica que adquire conteúdo como racionalidade social imanente (leia-se: o Espírito) a partir das suas manifestações históricas objetivas, haja vista a Família, a Sociedade civil, o Estado e o próprio Direito na filosofia hegeliana; o que se atualiza em Marx no conceito de Capital, que nada mais é do que o Espírito socialmente produzido a partir das relações sociais historicamente desenvolvidas a partir do processo de trabalho na modernidade. Em complemento a esta, vide a nota de rodapé de número 11.

A estranha objetividade do valor: trabalho, ideologia e capital no pensamento de Marx PINHEIRO ARAÚJO, Wécio

produzimos como realidade deve ser compreendido em termos das suas condições de produção simultaneamente subjetivas e objetivas. Todavia, se Hegel focou na consciência e suas variadas figuras históricas mais gerais (a razão, a ideia, o espírito, etc.), Marx se interessou rigorosamente pelas condições de produção situadas na materialidade do mundo do trabalho enquanto um momento do desenvolvimento daquela relação social que dita as regras na economia política da sociedade moderna.

Neste contexto, a ideologia não corresponde apenas e unicamente a um processo que falseia ou mistifica a realidade pela idealidade. Na verdade, é mais complexo: a ideologia como forma socialmente ativa, interfere na produção da realidade entre o conteúdo (razão objetiva) e a forma (razão subjetiva), promovendo harmonização e naturalização onde fundamentalmente se tem distensões compostas entre rupturas e continuidades (contradições). E essa operação tem um papel essencial na reprodução social do capital – conforme demonstraremos aqui. Desse modo, o conteúdo de uma determinada relação social é vivenciado como real, mas de forma que os seus corolários negativos estejam afastados, restando assim apenas a pronta e imediata positividade daquele conteúdo para ser vivida de maneira naturalizada. Na prática, assim ocorre com formas sociais como o dinheiro ou o salário, quando somente a positividade dessas categorias é emplacada na forma dos indivíduos vivenciarem o conteúdo das relações sociais produzidas a partir do processo de trabalho subjugado ao capital.

IDEOLOGIA E TRABALHO ASSALARIADO

O trabalho alienado como estranhamento concreto do ser social acerca de si mesmo e como se manifesta concretamente no trabalho assalariado é emblemático da forma ideológica constituinte da ontologia moderna. É o que veremos daqui por diante ao analisarmos dialeticamente a contradição em processo que constitui o movimento real da forma do valor entre trabalho e capital como situação chave da sociabilidade moderna. De maneira sincrônica, tomaremos o salário como amostra fundamental da análise que fazemos entre a ideologia e a forma do valor na crítica da relação entre capital e trabalho.

Então, como fica a complexidade da questão em uma relação fundamental à sociabilidade capitalista, isto é, o trabalho estranhado socialmente estabelecido sob a propriedade privada na forma do salário? Vejamos: não basta que os indivíduos não disponham de mais nada além da sua força de trabalho, para que estes se submetam ao trabalho assalariado, é preciso também que eles reconheçam como legítima a realidade social do salário, e assim aceitem vivenciá-la concretamente, sofrendo assim, as implicações reais da abstrata virtualidade do valor, que o trabalhador produz, mas não tem acesso a este, e constituindo assim uma relação social de exploração e dominação estabelecida concretamente entre realidade e consciência para estes indivíduos; ou seja, nesta sociedade, antes de qualquer coisa, o seu modo de ser é ser trabalhador assalariado. Em *O Capital*, Marx destaca um aspecto imprescindível para o nosso argumento:

Não basta que haja, de um lado, condições de trabalho sob a forma de capital e, de outro, seres humanos que nada têm para vender além de sua força de trabalho. Tampouco basta forçá-los a se venderem livremente. Ao progredir a produção capitalista, desenvolve-se uma classe trabalhadora que por educação, tradição e

A estranha objetividade do valor: trabalho, ideologia e capital no pensamento de Marx PINHEIRO ARAÚJO, Wécio

costume aceita as exigências daquele modo de produção como leis naturais evidentes (MARX, 1985, p. 854).

Sendo assim, a classe trabalhadora não consegue enxergar, sob o véu da mediação fundada na alienação⁷ do trabalho, a forma social e histórica dessas leis sociais que são aceitas como leis naturais. Logo, o trabalhador internaliza a exploração como algo natural e evidente. Eis a concepção geral da contradição fundante de todo o enviesamento desvelado por Marx entre realidade e consciência na sociedade moderna por meio da forma ideologia.

No capitalismo, produz-se uma trama que se desdobra em uma constelação de contradições entre forma e conteúdo sob a lógica social mercadoria. Desse modo, a ideologia, no seu discurso, é contraditória, mas não porque unicamente falseia as determinações que conformam a totalidade social; é mais complexo: trata-se de uma unidade contraditória (dialética) composta entre revelação e ocultamento na qual a realidade (aparência) se afirma pela sua própria negação para a consciência em tensão com suas próprias condições objetivas (essência). E esse processo se constitui por meio da astúcia da razão, à medida que o conteúdo da racionalidade imanente (razão objetiva) ao processo de trabalho como criador de valor, em suas relações sociais historicamente estabelecidas, se afirma pela sua própria negação na maneira como é elaborado na forma da ideia (razão subjetiva) que realizará a “tradução” necessária à vivência concreta dessas relações pelos indivíduos entre capital e trabalho: o salário. Nichols (1981, p.1-2) adverte que, sendo a ideologia responsável pela imagem que uma sociedade produz acerca de si e com fins de perpetuar a si mesma, então:

These representations serve to constrain us (necessarily); they establish fixed places for us to occupy that work to guarantee coherent social actions over time. Ideology uses the fabrication of images and the processes of representation to persuade us that how things are is how they ought to be and that the place provided for us is the place we ought to have.⁸

Nos Manuscritos econômico-filosóficos de 1844, Marx cita e endossa Adam Smith para responder à pergunta “O que é o capital?”, para a qual lemos a seguinte resposta: “O capital é trabalho armazenado” (2008, p. 40). Porém, não podemos esquecer que o trabalho só pode ser armazenado sob a forma do valor (*Wertform*). Assim, o capital tem no trabalho a sua substância. E o valor é a sua razão imanente e, portanto, invisível. O valor habita em todo produto do trabalho como uma potência virtual socialmente produzida, pois ninguém pode enxergá-lo ou tocá-lo como uma coisa em si. A mercadoria é o corpo material que carrega o valor como seu espírito socialmente produzido a partir do trabalho. A mediação ideológica do trabalho assalariado está no fato de que, por meio da forma salário, o trabalho (que produz valor) passa a ser vivenciado ideologicamente pelo trabalhador como se, por sua natureza, também fosse uma mercadoria (que não produz valor),

⁷ Para a questão da alienação em Marx, entre uma constelação de autores no arco teórico marxista, além de Normas Geras (1977); ver também um trabalho mais recente, da filósofa alemã Rahel Jaeggi, intitulado *Alienation: new directions in Critical Theory* (2014).

⁸ Livre tradução do presente autor: “Essas representações servem para nos restringir (necessariamente); elas estabelecem lugares fixos para que possamos ocupar que funcionam para garantir ações sociais coerentes ao longo das nossas vidas. A ideologia usa a fabricação de imagens e os processos de representação para nos persuadir de como as coisas são e como deveriam ser, e que o lugar que nos é fornecido é o lugar que devemos ter”.

A estranha objetividade do valor: trabalho, ideologia e capital no pensamento de Marx PINHEIRO ARAÚJO, Wécio

que agora assume a denominação de força de trabalho. Nesta operação, o trabalho vivo é igualado ao trabalho morto, o que favorece profundamente a dominação social capitalista.

Sob a mediação da forma ideologia, tudo parece harmônico e evidente no contrato do trabalho assalariado. Apesar de ser vivenciada todos os dias, a exploração não é reconhecida como algo socialmente produzido; não se revela em sua essência social para a consciência, pois suas mediações estão interpeladas pela operação ideológica. Os trabalhadores a sentem na pele, mas não a vivenciam de forma crítica consciente de si; nesta direção, é como se a exploração social do trabalho pelo capital realmente não existisse, pois, o salário aparece como algo tão natural quanto justo e inquestionável na sua forma de ser vivenciado pelos trabalhadores. Por meio da forma ideologia, o capital garante que, via de regra, não se constituam formas de consciência crítica predominantes acerca da situação a qual está submetido o trabalho nesta sociedade. Por isso, quando Marx e Engels bradam o afamado imperativo, “Trabalhadores de todo o mundo, uni-vos!”, estão clamando por uma consciência crítica de si acerca da situação do trabalho em sua relação com o capital.

Ontologicamente, todo este processo implica em uma ruptura entre conteúdo e forma na constituição do ser social, para a qual, a sutura é operada dialeticamente na forma como o conteúdo é vivenciado efetivamente por meio da mediação ideológica. À medida que esta sutura ocorre afastando toda negatividade imanente ao processo de produção da realidade, a vivência desta realidade se constitui, em sua progressão imanente entre conteúdo e forma, como uma realidade que abrange suas próprias ficções, uma verdade que abrange sua própria falsidade, em uma palavra, se constitui como ideologia. Logo, o salário, enquanto forma social, recebe da ideologia a sanção para ser vivenciado como uma realidade natural e evidente; todo e qualquer questionamento qualitativo sobre este se torna impossível; afinal, via de regra, os trabalhadores em seus sindicatos não questionam o salário no sentido de superá-lo socialmente, mas no sentido apenas de aumentá-lo quantitativamente. Ideologicamente a lógica social da mercadoria prevalece como uma lei natural, e o capital se consolida em sua dominação, como se fosse um destino natural da vida humana.

A COMPLEXIDADE ONTOLÓGICO-DIALÉTICA DO VALOR-DE-TROCA NO CARÁTER MISTERIOSO DA MERCADORIA

A complexidade ontológico-dialética do valor e sua relação com a forma ideologia é precisamente o que está por trás daquilo que Marx aponta como o caráter misterioso (*mystische Charakter*) da mercadoria, ou seja, uma presença virtual que se torna realidade somente à medida que é vivenciada pelos indivíduos em suas relações concretas. Estamos diante de um movimento que denominamos de virtualidade real – a partir daqui explicaremos melhor essa situação.

Em sua investigação, toda atenção de Marx logo se voltou para a forma do valor (*Wertform*), embora, sem jamais dispensar o conteúdo na compreensão ontológico-dialética dessa contradição estrutural estabelecida entre ambos enquanto momentos que suprassumem. A questão está em compreender as determinações que se escondem no conteúdo, exatamente pelos mesmos elementos por meio dos quais estas podem ser decifradas a partir da forma:

A estranha objetividade do valor: trabalho, ideologia e capital no pensamento de Marx PINHEIRO ARAÚJO, Wécio

À primeira vista, a mercadoria parece ser coisa trivial, imediatamente compreensível. Analisando-a, vê-se que ela é algo muito estranho, cheia de sutilezas metafísicas e argúcias teológicas. Como valor-de-uso (*Gebrauchtwert*), nada há de misterioso nela, quer a observemos sob o aspecto de que se destina a satisfazer necessidades humanas, com suas propriedades, quer sob o ângulo de que só adquire essas propriedades em consequências do trabalho humano (MARX, 1985, p. 79; 2016, p. 46).

Prosseguindo a nossa argumentação, voltemos literalmente ao começo de toda exposição marxiana: o primeiro parágrafo d’*O Capital*.

A riqueza das sociedades onde reina o modo de produção capitalista **aparece** (*erscheint*) como uma “enorme coleção de mercadorias” („*ungeheure Warensammlung*“), e a mercadoria individual como sua forma elementar. Nossa investigação começa, por isso, com a análise da mercadoria. A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de um tipo qualquer. A natureza dessas necessidades – se, por exemplo, elas provêm do estômago ou da imaginação – não altera em nada a questão. Tampouco se trata aqui de como a coisa satisfaz a necessidade humana, se diretamente, como meio de subsistência [*Lebensmittel*], isto é, como objeto de fruição, ou indiretamente, como meio de produção (MARX, 2013, p. 113; 2016a, p. 3, grifo meu)⁹.

David Harvey chama atenção de maneira certa e precisa para o fato de que Marx não usa a palavra “aparece” (*erscheint*)¹⁰ por acaso. Há uma indicação que, apesar de Harvey não entrar neste mérito, para nós tem profundidade ontológica concreta e esclarecedora quanto ao fetichismo da mercadoria. Vejamos:

A mercadoria é o ponto de partida a priori de Marx: “A riqueza das sociedades nas quais reina o modo de produção capitalista”, diz ele, “aparece como uma ‘enorme coleção de mercadorias’, e a mercadoria individual, como sua forma elementar. Nossa investigação começa, por isso, com a análise da mercadoria”. Mas preste atenção à linguagem. A palavra “aparece” surge duas vezes nessa passagem e, evidentemente, “aparece” não é o mesmo que “é”. **A escolha dessa palavra** – e fique atento a isso, porque Marx faz um uso abundante dela ao longo d’*O Capital* – **indica que uma coisa diferente acontece por trás da aparência**

⁹ Os termos alemães entre parênteses foram extraídos do texto original, que mesclamos com a tradução brasileira; os termos alemães entre colchetes pertencem à tradução publicada no Brasil. Conforme foi informado no início da nossa exposição, recordamos que, sempre quando aparece duas referências (AUTOR, DATA) nas citações (diretas ou indiretas) deste trabalho – sobretudo quando se trata de Hegel e Marx –, significa que, para maior aprofundamento da argumentação conceitual, mesclamos a tradução em português com o texto original, o que, não raro, trazemos em grifo.

¹⁰ A tradução brasileira publicada na década de 1980 pela editora DIFEL (MARX, 1985), também utilizada sob algumas ressalvas neste trabalho, bloqueia essa questão ao traduzir *erscheint* como “**configura-se** em ‘uma enorme coleção de mercadorias’...”; já a recente tradução da editora Boitempo (MARX, 2013), se apresentou mais atenta e fidedigna ao texto original, trazendo assim o termo “aparece”, mesmo que sem qualquer destaque para essa questão, pelo que, assim como Harvey, também não traz a palavra alemã *erscheint* – detalhe que julgamos relevante explorar rapidamente em nossa exposição.

A estranha objetividade do valor: trabalho, ideologia e capital no pensamento de Marx PINHEIRO ARAÚJO, Wécio

superficial. Somos imediatamente convidados a refletir sobre o que isso pode significar (HARVEY, 2013, p. 25, grifo meu).

A questão da palavra “aparece” (*erscheint*) no primeiro parágrafo de *O Capital* indica que a crítica da realidade se pretende, claramente filiada à dialética hegeliana e sua consignação ontológica, posto que apresenta como uma crítica da aparência (*Schein*) na busca daquilo que acontece para além dela, isto é, em uma esfera mediatizada da realidade, que Hegel denominou de efetividade (*Wirklichkeit*) ou essência (*Wesen*) em contraste com a esfera fenomênica da *Realität* (“realidade imediata” no vocabulário hegeliano). Importa destacar que a efetividade diz respeito ao mais concreto, não por ser o sensível ou o material, mas, ao contrário, por ser a essência (*Wesen*) e, portanto, o mais rico de mediações entre aquilo que aparece e aquilo que a coisa é para além dessa aparência. O caminho para se começar essa decodificação ontológico-dialética do fenômeno é a mediação (*Vermittlung*), esta entendida como o negativo que costura a união entre o universal e singular sob a inferência do particular.

Na sua Lógica objetiva (*objektive Logik*), Hegel alerta que a essência (*Wesen*) corresponde à efetividade (*Wirklichkeit*), que possui um sentido diferente e inseparável daquela dimensão considerada em sua realidade imediata (*Realität*), que diz respeito à aparência (*Erscheinung*). Sob esta inflexão, entendemos que Marx (2008) atualiza Hegel¹¹ com a elaboração do conceito de trabalho estranhado (*entfremdete Arbeit*). Ainda em 1844, Marx demonstra que a efetividade (*Wirklichkeit*) do trabalho, que detém a propriedade única e exclusiva de criar valor, não corresponde à forma social (força de trabalho) que ele assume na realidade imediata (*Realität*) do processo de produção capitalista. Há uma distensão de profundidade ontológica entre, de um lado, o conteúdo da racionalidade imanente ao trabalho, e de outro, a forma como esse conteúdo se constitui como uma ideia real e concreta a ser vivenciada objetivamente pelos trabalhadores.

O espírito objetivo constituinte do processo de trabalho, sua razão imanente (a capacidade de produzir valor), sofre de alienação concreta ao integrar a relação com o capital. Todavia, esta

¹¹ É importante destacar que, no Sistema de Jena, Hegel claramente demonstra enxergar a negatividade concreta no processo de trabalho na modernidade. Segundo Christopher Arthur, “quando Hegel encontra-se de cara com a realidade do processo de trabalho moderno, ele vê que o trabalhador recai na escravidão da natureza e da sociedade” (2016, p. 205). Portanto, guardadas as devidas proporções históricas entre ele e Marx, as consequências disto para o trabalhador estão enunciadas por Hegel em algumas das suas expressões sociais concretas na *Filosofia Real* (*Realphilosophie*) de Jena: “A possibilidade que ele [o trabalhador] preserve sua existência... está subordinada à rede de oportunidades que se enreda no todo. Assim, um vasto número de pessoas está condenado ao trabalho absolutamente brutal, insalubre, e incerto nas fábricas, usinas e minas, trabalho que restringe e reduz sua habilidade. Segmentos inteiros da indústria que sustentam uma ampla gama de pessoas repentinamente entram em colapso por causa de uma mudança na moda, ou uma queda nos preços ligada a invenções em outros países; e grandes massas são abandonadas à pobreza sem que possam manter-se por si sós” (HEGEL apud ARTHUR, 2016, p. 205, grifo meu). Estamos diante da negatividade determinada que a vida social adquire a partir do seu surgimento e do seu desenvolvimento no e pelo o trabalho na modernidade. Como um produto do trabalho enquanto processo que provê as necessidades de todos, na troca de mercadorias mediada pelo dinheiro, todo trabalho é socialmente subsumido à forma do valor e o seu movimento imiscuído, desde a produção até a troca de mercadorias. Se fica evidente que no Sistema de Jena Hegel percebe a negatividade do trabalho; a questão é que, mesmo fora dos escritos de Jena, a concepção do trabalho em Hegel também não se reduz inteiramente a uma elaboração “abstratamente espiritual”, como sugeriu Marx. Desde Aristóteles (que opõe o trabalho à política) até Adam Smith – o primeiro a assumir o trabalho em sua generalidade – o trabalho em Hegel encontra sua elaboração mais concreta em sentido ontológico-dialético, isto é, como um concreto mediatizado, um complexo condensado de avançadas mediações constituintes da realidade moderna – sejamos justos, coisa que Marx não deixou de reconhecer reiteradas vezes, embora este provavelmente não conheceu os escritos de Jena. Perdoe o leitor a extensa nota de rodapé, na verdade, em sua tese de doutorado, o presente autor desenvolve em pormenores essa questão (ARAÚJO, 2018).

A estranha objetividade do valor: trabalho, ideologia e capital no pensamento de Marx PINHEIRO ARAÚJO, Wécio

alienação concreta é afastada da consciência em sua forma de ser vivenciada (razão subjetiva) como realidade, deixando esta vivência determinada apenas pela positividade da forma salário – no caso do nosso exemplo, uma forma ideológica que constitui a realidade da relação entre capital e trabalho. Aquilo que no âmbito objetivo do trabalho alienado ocorre como alienação objetiva (material) por meio do trabalho não pago, na forma de ser vivenciada subjetivo e objetivamente pela consciência em interação com esta realidade, acaba por sofrer uma dupla alienação, objetiva (trabalho alienado) e subjetiva na forma ideológica (a ideia concreta de salário) enquanto maneira de vivenciar o conteúdo das relações sociais estabelecidas entre capital e trabalho.

A contradição constituinte da ruptura causada por essa distensão de profundidade ontológica, se dá justamente no fato de que, na realidade do chão de fábrica, por exemplo, apesar de ser o único elemento vivo e criador de valor (essência e racionalidade imanente desta sociedade), o trabalho aparece como elemento morto e igualado ao seu produto na força de trabalho (como se também fosse uma mercadoria). Ou seja, a partir do modo de produção capitalista, a realidade é estabelecida à medida que o trabalho, quando integra o processo produtivo, embora não o seja, se afirma como mais uma mercadoria (a força de trabalho) na aparência da realidade socialmente legitimada. Porém, tal afirmação só é possível por meio da negação da sua própria essência, que é alimentar a reprodução do capital com mais valor; assim, o trabalhador não reconhece com clareza a sua atividade como criadora de valor, mas apenas como mais uma mercadoria pela qual ele recebe nada mais que o seu preço na venda ao seu empregador por meio de um harmonioso contrato denominado ideologicamente (objetivamente e subjetivamente) de salário. Este corresponde a uma forma (razão subjetiva) que adquire o conteúdo (razão objetiva) da relação entre capital e trabalho no sentido de afastar a negatividade da exploração, e então deixar toda realidade como algo harmônico, natural e positivo para o trabalhador que vivencia esta relação social apenas por meio da forma salário: uma ideia real e concreta que se constitui como processo e unidade entre, de um lado, a racionalidade imanente (o valor) ao conteúdo da relação entre capital e trabalho, e de outro, a forma (razão subjetiva) como esta relação é vivenciada ideologicamente em sua realidade. Vejamos o que diz Marx:

Tomemos, ainda, duas mercadorias, por exemplo, trigo e ferro. Qualquer que seja a sua relação de troca, ela é sempre representável por uma equação em que uma dada quantidade de trigo é igualada a uma quantidade qualquer de ferro, por exemplo, 1 quarter de trigo = a quintais de ferro. O que mostra essa equação? Que **algo comum** de mesma grandeza existe em duas coisas diferentes, em 1 quarter de trigo e em a quintais de ferro. Ambas são, portanto, iguais a uma terceira, que, em si mesma, não é nem uma nem outra. Cada uma delas, na medida em que é valor de troca, tem, portanto, de ser redutível a essa terceira. [...] os valores de troca das mercadorias tem de ser reduzidos **a algo em comum**, com relação ao qual eles representam um mais ou um menos. **Esse algo comum** não pode ser uma propriedade geométrica, física, química ou qualquer outra propriedade natural das mercadorias (MARX, 2013, p. 115, grifo meu).

Novamente, Harvey nos traz um esclarecimento pertinente e indispensável ao desenvolvimento da nossa argumentação:

“Esse algo comum”, argumenta Marx, “não pode ser uma propriedade geométrica, física, química ou qualquer outra propriedade natural das

A estranha objetividade do valor: trabalho, ideologia e capital no pensamento de Marx PINHEIRO ARAÚJO, Wécio

mercadorias”. Isso leva a uma mudança significativa no argumento. Marx é descrito em geral como um materialista empedernido, se não fundamentalista. Tudo tem de ser material para que seja validamente considerado real, mas ele nega que a materialidade das mercadorias seja capaz de nos dizer alguma coisa sobre aquilo que as torna comensuráveis (2013, p. 27, grifo meu).

Vemos como em Marx, surge uma “metafísica” da mercadoria decifrada pela análise crítica do valor, que revela, a exemplo do que Harvey destaca como “Esse algo comum”, o terceiro elemento: a particularidade da lógica social da mercadoria no seu desenvolvimento histórico chegou a um estágio na modernidade no qual, na costura da união entre o universal (o trabalho) e o singular (o indivíduo), se produz uma nova universalidade que assume o lugar do trabalho, subsumindo-o à medida que o reduz a um momento do seu próprio desenvolvimento no qual consolida essa universalidade concreta como o Espírito do mundo moderno em uma determinada relação social: o capital. A volta estranha de todo esse evoluir se dá no fato de que, apesar de ser o movimento criador do valor – essência das relações sociais capitalistas –, o trabalho deixa de ser o processo determinante das relações sociais nesta sociedade, passando a ser subjugado e determinado pelas formas que assume o seu próprio produto (o valor, a mercadoria, o dinheiro) como uma relação social totalizada ao longo da história no capital; somente assim esta sociedade pode ser chamada de sociedade capitalista, o que se justifica no fato de que o trabalho e todos os demais processos sociais estão subjugados ao capital enquanto relação social dominante.

Nesta sociedade, aquilo que no valor enquanto conteúdo das relações sociais é vivenciado na aparência (*Schein*) do cotidiano da realidade imediata na mercadoria, na essência (*Wesen*), que é o trabalho, se afirma por meio da negação da sua própria efetividade (*Wirklichkeit*), o fato deste ser o movimento criador do valor. O conceito hegeliano de razão imanente ao conteúdo das relações sociais denominado como espírito (*Geist*)¹² traz uma poética esclarecedora à questão e se mostra presente em toda a elaboração marxiana, pois temos que nessa dinâmica fantasmagórica, toda e qualquer relação (*Verhältnis*) social só se materializa por meio da interação entre dois lados: conteúdo e forma. Sob a perspectiva dialética, o espírito (razão imanente) é produto social de estranha objetividade, posto que é algo real, mas que só se manifesta objetivamente quando se realiza em uma relação social como interação entre conteúdo e forma, porém, em si mesmo, não é nem uma coisa nem outra. Essa movimentação se comporta como uma virtualidade que se constitui real no movimento a partir do qual conteúdo e forma se põem como momentos que se supressumem na constituição dos fenômenos em suas manifestações objetivas e subjetivas. Essa misteriosa dinâmica se esclarece à medida que seguimos Marx na análise dos conceitos de valor-de-uso (*Gebrauchtwert*) e valor-de-troca (*Tauschwert*) apresentados já desde o primeiro capítulo d’*O Capital*, e como ele faz a crítica destes dirigida à economia política. Vejamos:

A economia política analisou, de fato, embora de maneira incompleta, o valor e sua magnitude, e descobriu o conteúdo que ocultam. Mas nunca se perguntou por que ocultam esse conteúdo, por que o trabalho é representado pelo produto do trabalho e a duração do tempo de trabalho pela magnitude desse valor.

¹² Quanto ao espírito (*Geist*), se para Hegel se trata de uma figura ontológica geral que ele examina ao nível do movimento lógico da ideia (*Idee*), mesmo que de maneira concreta de acordo com a lógica dialética; para Marx, o foco está no trabalho simultaneamente como processo e resultado na produção das condições materiais de existência; porém não apenas enquanto conteúdo, mas sobretudo na forma como esse conteúdo é vivenciado nas relações sociais situadas no solo real da história, onde está o operário no chão da fábrica (de onde Hegel manteve certa distância) submetido a uma jornada de trabalho compulsória e à alienação concreta da riqueza que produz (o mais valor).

A estranha objetividade do valor: trabalho, ideologia e capital no pensamento de Marx PINHEIRO ARAÚJO, Wécio

Fórmulas que pertencem, claramente, a uma formação social em que o processo de produção domina o homem e não o homem o processo de produção, são consideradas pela consciência burguesa uma necessidade tão natural quanto o próprio trabalho produtivo. Por isso, dão às formas pré-burguesas de produção social o mesmo tratamento que os santos padres concedem às religiões pré-cristãs. A polêmica monótona e estulta sobre o papel da natureza na criação do valor-de-troca, além de outros fatos, demonstra que uma parte dos economistas está iludida pelo fetichismo dominante no mundo das mercadorias ou pela aparência material que encobre as características sociais do trabalho. **Sendo o valor-de-troca uma determinada maneira social de exprimir o trabalho empregado numa coisa, não pode conter mais elementos materiais da natureza do que uma cotação de câmbio.** A forma mercadoria é a mais geral e elementar da produção burguesa, razão por que surgiu nos primórdios, embora não assumisse a maneira dominante e característica de hoje em dia. Pela mesma razão parece ainda relativamente fácil penetrar em seus atributos fetichistas. Nas formas mais desenvolvidas se desvanece essa aparência de simplicidade. [...] **Até hoje nenhum químico descobriu valor-de-troca (*Tauschwert*) em pérolas ou diamantes.** Os economistas que descobriram essa substância química e blasonam profundidade crítica acham, entretanto, que o valor-de-uso (*Gebrauchtwert*) das coisas não depende de suas propriedades materiais, e que o valor (*Wert*), ao contrário, é materialmente um atributo das coisas. O que lhes robustece a opinião é a circunstância peculiar de que o valor-de-uso se realiza para as pessoas sem troca, por meio da relação direta entre a coisa e a pessoa, enquanto o valor só se realiza através da troca, isto é, por meio de um processo social (MARX, 1985, p. 89-93; 2016, 57-63, grifo meu).

Elaboramos a questão da seguinte maneira: entre aparência e essência, a forma do valor (*Wertform*) se constitui como uma contradição em processo de estranha objetividade que não pode ser reduzida, nem à materialidade, nem à pura determinação aérea; a estranheza da sua objetividade ocorre como um movimento de virtualidade real entre materialidade e idealidade, em suma: o valor é simultaneamente real e virtual.

A VIRTUALIDADE REAL DO CAPITAL: A ESTRANHA OBJETIVIDADE DA FORMA DO VALOR ENTRE O VALOR-DE-USO E O VALOR-DE-TROCA

É no valor-de-troca que mora todo o mistério; e este se trata inicialmente de uma “presença virtual” imanente, isto é, não está nas coisas em suas propriedades materiais, mas se realiza nas relações decorrentes da interação entre os indivíduos e as coisas enquanto produtos do trabalho na sociedade capitalista. Isso é o que denominamos de uma não-presença ou uma potência espiritual em sentido hegeliano; reiteramos: uma não-presença se refere dialeticamente a uma presença que se afirma pela sua própria negação na realidade imediata (aparência), ou o real que em si é apenas virtualidade e, portanto, depende de outra esfera de realidade, esta mediatizada (essência), para se realizar objetivamente. A estranha objetividade do valor está no fato de que, se por um lado este se mantém sob uma dimensão de **virtualidade** como algo que não aparece nem é tangível, por outro, é vivenciado como algo **real** em suas determinações concretas sob a lógica social da mercadoria, que é parida em uma relação social que se nutre da exploração do próprio trabalho na

A estranha objetividade do valor: trabalho, ideologia e capital no pensamento de Marx PINHEIRO ARAÚJO, Wécio

produção das mercadorias que tornam possível a vida humana nesta sociedade. A este movimento denominamos de **virtualidade real**. Prossigamos ainda no primeiro capítulo d'*O Capital*:

As mercadorias vêm ao mundo na forma de valores de uso ou corpos de mercadorias, como ferro, linho, trigo etc. Essa é sua forma natural originária. Porém, elas só são mercadorias porque são algo duplo: objetos úteis e, ao mesmo tempo, suportes de valor. Por isso, elas só aparecem como mercadorias ou só possuem a forma de mercadorias na medida em que possuem esta dupla forma: a forma natural e a forma de valor. **A objetividade do valor das mercadorias é diferente [...], na medida em que não se sabe por onde agarrá-la.** Exatamente ao contrário da objetividade sensível e crua dos corpos das mercadorias, na objetividade de seu valor não está contido um único átomo de matéria natural. Por isso, pode-se virar e revirar uma mercadoria como se queira, e ela permanece inapreensível como coisa de valor [*Wertding*]. Lembremo-nos, todavia, de que as mercadorias possuem objetividade de valor apenas na medida em que são expressões da mesma unidade social, do trabalho humano, pois sua objetividade de valor é puramente social e, por isso, é evidente que ela só pode se manifestar numa relação social entre mercadorias (MARX, 2013, p. 125, grifo meu).

Como pode Marx falar em objetividade sem esta conter “um único átomo de matéria”? Objetividade sem materialidade? É possível? Para dar conta desta contradição, elaboramos o conceito de virtualidade real como um movimento de profundidade ontológica, justamente para tentar captar a complexidade dessa questão conforme desenhada por Marx. Vejamos: o valor se revela como uma forma social portadora dessa estranha objetividade que, em si mesma, não está em lugar algum no espaço, porém, ao mesmo tempo, se faz presente em todo o processo social de troca das mercadorias, como uma razão imanente, um espírito socialmente produzido; aquilo que denominamos como uma não-presença que se revela enquanto **virtualidade** (razão objetiva) na esfera do **conteúdo** material dos produtos do trabalho, mas que se torna **real** na **forma** como é vivenciada (razão subjetiva) pelos indivíduos nas relações sociais. Essa dinâmica da virtualidade real revela o astuto movimento da razão imanente em todo o processo (o que Hegel chamou de *Geist*, ou espírito).

O valor-de-troca requer um veículo material justamente porque, obviamente não tem materialidade própria; é algo real, mas que não existe *per se*; é virtualidade que, para adquirir existência concreta, precisa da vivência realizada no e pelo sujeito consciente sob a mediação da ideia como processo e unidade, isto é, em sua concepção dialética, que não pode ser entendida apenas como representação, mas sobretudo como forma do sujeito vivenciar o conteúdo objetivo das relações sociais. E esse movimento se realiza como interação entre, de um lado, o conteúdo das relações sociais estabelecidas, e de outro, a forma como essas relações são vivenciadas na realidade prática da vida em sociedade. Neste contexto, o valor-de-troca adquire um caráter misterioso precisamente porque é espírito socialmente produzido enquanto razão imanente que se constitui como virtualidade real: não é algo dado no imediato; não pode ser reduzido à materialidade ou às propriedades materiais de coisa alguma. O valor-de-troca é real, mas não está presente materialmente no produto do trabalho, por isso, jamais algum químico encontrou valor-de-troca em pérolas, diamantes ou qualquer outra mercadoria, como destaca a fina ironia marxiana. Em termos gerais essa estranha objetividade é decifrada ontologicamente, a saber: o valor é virtualidade semovente enquanto razão imanente (espírito socialmente produzido) em seu

A estranha objetividade do valor: trabalho, ideologia e capital no pensamento de Marx
PINHEIRO ARAÚJO, Wécio

conteúdo, mas que se só torna real e se realiza na forma como esse conteúdo é vivenciado objetivo e subjetivamente pelo ser social.

Não obstante, o valor-de-uso, que se manifesta na materialidade do produto do processo de trabalho, enquanto “veículo material do valor-de-troca”, carrega-o como uma dimensão de virtualidade real enquanto razão imanente ao conteúdo do trabalho objetivado na mercadoria; e é na forma que o valor-de-troca se realiza objetivamente à medida que é vivenciado pelos indivíduos por meio das relações sociais, a exemplo do ato de compra e venda enquanto um processo social concreto, ou seja, a troca. No entanto, este processo não se reduz à troca de mercadorias, na verdade, temos uma complexidade crescente à medida que partimos para analisar a sociedade como um todo, pois este movimento (fundado no trabalho), se estende na forma de determinações para todo o resto da totalidade social compondo complexas mediações entre realidade e consciência. É precisamente aqui que age a ideologia por meio da ideia enquanto forma ontológico-dialética da consciência vivenciar o conteúdo que constitui a sua realidade como produto da sua própria atividade (o trabalho).

O valor-de-uso só se realiza com a utilização ou o consumo. Os valores-de-uso constituem o conteúdo material da riqueza, qualquer que seja a forma social dela. Na forma de sociedade que vamos estudar, os valores-de-uso são, ao mesmo tempo, os veículos materiais do valor-de-troca. O valor-de-troca revela-se, de início, na **relação (*Verhältnis*)** quantitativa entre valores-de-uso de espécies diferentes, na proporção em que se trocam, **relação** que muda constantemente no tempo e espaço. Por isso, o valor-de-troca parece algo casual e puramente relativo, e, portanto, uma contradição em termos, um valor-de-troca inerente, imanente à mercadoria. [...] Evidencia-se isto com um simples exemplo geométrico. Para determinar e comparar a área dos polígonos, decompomo-los em triângulos. O próprio triângulo pode converte-se, também, numa expressão inteiramente diversa de sua figura visível – a metade do produto da base pela altura. Do mesmo modo tem os valores-de-troca de ser reduzíveis a uma coisa comum, da qual representam uma quantidade maior ou menor. Essa coisa comum não pode ser uma propriedade das mercadorias, geométrica, física, química ou de qualquer outra natureza. As propriedades materiais só interessam pela utilidade que dão às mercadorias, por fazerem destas valores-de-uso. Põem-se de lado os valores-de-uso das mercadorias, quando se trata da **relação (*Verhältnis*)**. [...] Como valores-de-uso, as mercadorias são, antes de mais nada, de qualidade diferente; como valores-de-troca, só podem diferir na quantidade, não contendo portanto nenhum átomo de valor-de-uso. Se prescindirmos do valor-de-uso da mercadoria, só lhe resta ainda uma propriedade, a de ser produto do trabalho. Mas, então, o produto do trabalho já terá passado por uma transmutação. Pondo de lado seu valor-de-uso, abstraímos, também, das formas e elementos materiais que fazem dele um valor-de-uso. Ele não é mais mesa, casa, fio ou qualquer outra coisa útil. Sumiram todas as suas qualidades materiais. Também não é mais o produto do trabalho do marceneiro, do pedreiro, do fiandeiro ou de qualquer outra forma de trabalho produtivo. Ao desaparecer o caráter útil dos trabalhos neles corporificados, desvanecem-se, portanto, as diferentes formas de trabalho concreto, elas não mais se distinguem umas das outras, mas reduzem-se, todas, a uma única espécie de trabalho, o trabalho humano abstrato. [...] Na própria **relação** de permuta das mercadorias, seu valor-de-troca revela-se, de todo, independente de seu valor-de-uso (MARX, 1985, p. 42-45, grifo meu).

A estranha objetividade do valor: trabalho, ideologia e capital no pensamento de Marx PINHEIRO ARAÚJO, Wécio

Em nota de rodapé a esta citação acima, para corroborar o fato de que não há um valor-de-troca materialmente intrínseco à mercadoria enquanto objeto produto do trabalho, Marx cita Nicholas Barbon na sua obra *A Discourse on coining the new money lighter*, de 1696¹³: “Nada pode ter valor-de-troca intrínseco”. Por isso dizemos que o valor-de-troca é uma imanência virtual na forma de razão imanente aos processos de produção e de troca de mercadorias como uma relação social viva, e não um aspecto material intrínseco à mercadoria enquanto coisa. A forma do valor não está presente na constituição material da mercadoria, mas se realiza somente como uma relação (*Verhältnis*) à medida que é vivenciado pelos indivíduos como uma contradição em processo na qual, aquilo que é virtual ao nível do conteúdo, se torna real na forma de ser vivenciado na constituição daquilo que estes mesmos indivíduos reconhecem como realidade. A dialética está no fato de que, mutuamente, um lado se afirma para o outro por meio da sua própria negação.

Neste sentido, apesar das profundas diferenças entre os conceitos e da intrigante e ineliminável interação entre eles, assim como “o valor-de-uso só se realiza com a utilização ou o consumo” (1985, p. 42) – como diz Marx –, também o valor-de-troca se trata de uma relação que só se realiza na imediatez do ideológico ato de compra e venda revelado enquanto a forma primacial de vivenciar o conteúdo das relações sociais na sociedade capitalista; comprar e vender é a única religião realmente universal no mundo moderno. Portanto, o valor-de-troca só pode ter sua efetividade (*Wirlichkeit*) revelada para além da aparência e do imediato palpável nas propriedades materiais da mercadoria que a definem como coisa útil (valor-de-uso), isto é, a efetividade se dá como uma verdade mediatizada enquanto um condensado de mediações entre aquilo que aparece (*erscheint*) e aquilo que o valor-de-troca é para além do aparecer, em sua essência (*Wesen*): trabalho humano abstrato – como definiu o próprio Marx. O valor é razão imanente aos produtos do processo de trabalho enquanto espírito socialmente produzido por este mesmo processo, e que se movimenta (da sua produção até a sua realização) sob uma dinâmica complexa que denominamos de virtualidade real.

É nítido o peso do conceito de *Verhältnis* (“Relação”) em toda a análise marxiana. É este que desvenda o sentido dinâmico das “sutilezas metafísicas” da forma mercadoria na sociedade capitalista. A nossa argumentação aqui apenas requalifica este conceito como interação; não significa substituir relação por interação, mas atualizar a primeira concepção pela sua ampliação qualitativa com a agregação da segunda. E como interação, a relação é compreendida, não como dois lados estáticos sob uma determinidade mecanicista e unilateral de causalidade dura, mas, ao contrário, como um movimento entre momentos que se suprassumem; e isto significa que interagem, isto é, que o movimento de um lado repercute no movimento e no estado do outro, constituindo-se em uma complexa totalidade viva e semovente, posto que sua dinâmica é social, pois envolve indivíduos concretos em suas relações sociais, como diz o próprio Marx, trata-se de uma “relação que muda constantemente no tempo e no espaço” (MARX, 1985, p. 43); um movimento ininterrupto e frenético na constituição concreta da relação entre realidade e consciência perpassado pela forma do valor e fortemente determinada pela astúcia da razão sob a forma da ideologia.

Fica claro como o movimento lógico do conceito de valor-de-troca não é uma coisa, mas se trata de interação, assim como definimos: uma relação social viva que se move entre momentos que se suprassumem. Esta interação é apresentada desde o primeiro capítulo d’*O Capital*, de acordo com a lógica dialética do espírito enquanto razão objetiva, e também da ideia enquanto razão subjetiva (forma de vivenciar o conteúdo no qual está presente virtualmente a razão objetiva enquanto espírito). E este movimento entre essas diferentes esferas de realidade (*Realität*) é que faz

¹³ Cf. MARX, 1985, p. 43, nota de rodapé n° 7.

A estranha objetividade do valor: trabalho, ideologia e capital no pensamento de Marx PINHEIRO ARAÚJO, Wécio

da crítica marxiana à economia política, por definição, uma crítica à ideologia de caráter ontológico-dialético.

Para decifrar a estranha objetividade do valor das mercadorias, Marx articula o nervo racional da negatividade dialética que se constitui na mediação como o negativo conjurado na contradição, a saber: o duplo significado do *Aufheben* (suprassumir) colhido em Hegel. Explicamos: enquanto objeto útil em sua materialidade, o valor em sua não-presença (como razão imanente ou espírito), se afirma no valor-de-uso pela sua própria negação, isto é, se move na contradição em processo que denominamos de virtualidade real, posto que está ali e ao mesmo tempo não está, constituindo-se assim como uma não-presença; ao mesmo tempo, neste processo de interação social simultânea, o valor-de-uso é dispensado no movimento do valor-de-troca, que “se esconde” à medida que se realiza como uma relação social entre mercadorias, a qual é vivenciada pelos indivíduos sob a mediação ideológica, fazendo assim surgir o fenômeno que Marx denominou de fetichismo: o sujeito já não se reconhece mais como criador de toda essa realidade, que agora adquiriu autonomia diante dele, como se fosse algo naturalmente dado, como se fosse um Outro que determina a sua vida.

Sob a perspectiva ontológico-dialética, concluímos que a forma mercadoria tem na ideologia um modo peculiar de se replicar concretamente por meio da penetração mediatizada nos processos de interação entre realidade e consciência nos indivíduos em sociedade, sob determinações paridas na lei do valor, como explica Dussel:

As pessoas se “socializam” apenas no intercâmbio de coisas [...]. A “lei do valor” rege a sociabilidade humana. O indivíduo foi subsumido na totalidade do capital e se lhe atribuem duas funções: a produção de mercadorias e a sua compra. Fora da fábrica e do mercado, o homem retorna a seu isolamento abstrato, à sua solidão improdutiva (2012, p. 337).

A ideologia entra em campo e produz uma vivência real e legítima, por isso é tão poderosa quanto astuciosa, tendo em vista que não falha, pois, enquanto mediação, ela se mostra como uma progressão imanente à constituição da própria realidade, e que, ao invés de apenas falsear o real, ao contrário, abrange sua própria “falsidade” na certeza sensível da sua verdade imediata que se apresenta como pronta para ser vivida. Em sua dinâmica profunda (ontológica) na constituição do ser social, a virtualidade real ocorre justamente por meio destas astúcias e sutilezas da própria razão humana que, no plano da consciência (e da ideia) “se esconde” nos produtos da sua atividade consciente objetiva, posto que não aparecem de imediato ao nível do conteúdo material (no que temos a não-presença da virtualidade real), mas se realiza na forma como esse conteúdo é vivenciado enquanto uma relação social – a realidade efetiva, que Hegel denomina de *Wirklichkeit* (ou efetividade) e que corresponde à essência (*Wesen*). Esse é o movimento que denominamos de virtualidade real, repleto de ciladas, e que constitui ontologicamente a razão de ser da forma ideologia entre trabalho e capital; sua trama ontológica.

Ocorre uma operação ideológica por trás do fato de que, embora a riqueza na sociedade capitalista apareça como uma “enorme coleção de mercadorias”, na forma como esta realidade é vivenciada pela consciência situada nos indivíduos concretos, o ser social permanece profundamente dividido entre rupturas e continuidades (contradições) na constituição daquilo que efetivamente é em sua totalidade, apesar de aparecer como uma realidade harmônica e pronta para ser vivida sob a mediação da forma ideologia.

A estranha objetividade do valor: trabalho, ideologia e capital no pensamento de Marx PINHEIRO ARAÚJO, Wécio

Não é por acaso a ênfase dada por Marx à questão da forma ao conjurar a problemática em um conceito nomeado de *Warenform* (“forma mercadoria”). A forma é uma dinâmica viva, em sua profundidade e conseqüentemente, para além da imediatez, corresponde ao plano que na dialética hegeliana se denomina de essência (*Wesen*) ou efetividade (*Wirklichkeit*) na constituição do fenômeno (*Erscheinung*) como movimento (*Bewegung*) vivo e cheio de armadilhas. Por isso, seguindo a diretriz da lógica hegeliana, para Marx, o conteúdo imediato e material da mercadoria corresponde a sua aparência (*Schein*) “enganadora”, precisamente por estar ao alcance dos sentidos, mas vazia de mediações para esta consciência imediata, que Hegel chamou de certeza sensível (*sinnliche Gewissheit*) e Marx, atualizando-a sob uma inflexão social e política correspondente à particularidade histórica do seu tempo, a denomina de consciência burguesa. Este imediatismo, normalmente é a esfera de realidade que serve de anteparo para a mediação ideológica acontecer de maneira a bloquear a possibilidade da efetividade da essência vir à luz da consciência. A trama da ideologia na modernidade se dá justamente porque essa consciência não ocorre livre da astúcia da razão e da ideia, que tem sua expressão fundacional determinada por essas sutilezas do espírito socialmente produzido (a racionalidade imanente ao real) enquanto uma não-presença virtual ao nível do conteúdo (aparência), mas que é real à medida que se realiza concretamente na forma como é vivenciada pelos indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, Marx chama atenção para o fato de que o valor-de-troca não é algo palpável, não é uma coisa material tangível, mas, na verdade, é espírito em sentido dialético, uma não-presença que se move como virtualidade real: o valor-de-troca das mercadorias, embora seja real, só se realiza e ganha existência à medida que é vivenciado pelos indivíduos como uma relação social concreta; por isso sua dimensão virtual ao nível do conteúdo, mas que se efetiva socialmente na forma que esse conteúdo ganha vida nas relações sociais. No capitalismo, essa vivência é ideológica, pois acontece afastando da consciência seus corolários negativos, deixando assim somente a positividade na qual tudo aparece (*erscheint*) como uma enorme coleção de mercadorias. A este nível, da aparência, o trabalho humano em seu caráter abstrato (que cria valor), definitivamente não aparece ao imediato, embora esteja lá como razão imanente, como espírito e, portanto, como potência social ainda em uma dimensão de virtualidade real que se manifesta objetivamente na forma que é vivenciada ideologicamente pelos indivíduos no movimento concreto das relações sociais.

No cotidiano ideologizado do mundo das mercadorias, o trabalhador desaparece enquanto produtor do valor; aquele que efetivamente existe como sujeito ativo que produz o valor, perde-se da sua própria existência para dar lugar à realidade ideológica do próprio valor, que por meio das mercadorias, assume o lugar dos seres humanos como um espírito, uma força fantasmagórica que a ninguém está submetido, mas que submete a todos à medida que passa a reger todas as relações nesta sociedade. E toda essa complexidade se dá como relação (*Verhältnis*) que se constitui na urdidura da união entre o universal e o singular sob a inferência do particular – o que Hegel chamou de mediação (*Vermittlung*).

Nosso argumento entre valor e ideologia se sustenta e se corrobora na razão de que tal fenômeno, em sua complexidade aqui desvendada, se move por meio de contradições fundadas substancialmente no processo de trabalho incorporado pelo capital enquanto um momento do seu

A estranha objetividade do valor: trabalho, ideologia e capital no pensamento de Marx PINHEIRO ARAÚJO, Wécio

próprio desenvolvimento, a exemplo do que acontece no trabalho assalariado. No estranhamento (*Entfremdung*) apontado por Marx ainda em 1844, ele nos permite perceber como as mercadorias enquanto produtos do trabalho estão intimamente conectadas com a vida humana pelos dois aspectos por meio dos quais analisa o capital: de um lado, com o ato da produção, como estranhamento do ser humano com sua própria atividade vital, ou seja, com aquela atividade que lhe define enquanto ser humano; e de outro, com o resultado no produto dessa própria atividade que lhe subjuga como um Sujeito autônomo e poderoso que dita as regras sobre a sua vida.

Aquilo que Hegel (2008, p. 278-279) situou no trabalho como o silogismo primacial do ser consciente (*benusste Sein*) na sua *Fenomenologia do Espírito* (Ibidem), a crítica marxiana reexaminou como ato do estranhamento da atividade prática consciente do ser social (*gesellschaftliche Wesen*). A partir de Marx, a produção de mercadorias revela sua razão na ruptura ontológica provocada pelo que ele descreveu como estranhamento (*Entfremdung*) do ser humano consigo mesmo por meio da mediação situada no trabalho estranhado (*entfremdete Arbeit*). À medida que o sujeito não se reconhece no produto do seu trabalho, que parece lhe defrontar hostilmente como um mundo alheio, também se estranha do próprio ato de produção enquanto uma extensão do seu próprio ser. Marx conclui que o ser humano acaba estranhado da sua própria vida e de si mesmo (*Selbstentfremdung*) como um todo.

Concluimos que a conexão entre quem somos e a mercadoria não só é íntima, global e ontológica; mas também é sobretudo ubíqua e ideológica, precisamente por conta do seu caráter constituinte da realidade humana enquanto realidade consciente a partir do processo de trabalho. Isto porque a ideologia cada vez mais garante que este estranhamento não seja hostil diante da consciência. Por meio dela, o encantamento diante dos produtos do trabalho e das relações sociais estabelecidas a partir destes, predomina de maneira naturalizada sobre qualquer hostilidade que pudesse ser desvendada para além da aparência e do imediato nas profundezas do concreto mediatizado (a essência social da nossa realidade), no qual se revela a exploração do trabalho humano pelos próprios seres humanos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Teoria Estética**. [Asthetische Theorie]. Tradução de Artur Morão. – São Paulo : Livraria Martins Fontes, 1988.

ADORNO, Theodor W. **Três estudos sobre Hegel**. [Drei Studien zu Hegel]. Tradução: Ulisses Razzante Vaccari. – 1. Ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2013.

ARAÚJO, Wécio Pinheiro. **Ideologia e capital: crítica da razão imanente à sociedade moderna**. Tese de doutorado. João Pessoa, PB; Leipzig, Saxônia, UFPB/UFPE/UFRN-HGB, 2018.

ARTHUR, Christopher J. **A nova dialética e “O Capital” de Marx**. Tradução de Pedro C. Chadarevian. – São Paulo : Edipro, 2016.

DUSSEL, Enrique. **A Produção Teórica de Marx: um comentário sobre os Grundrisse**. Tradução de José Paulo Netto. – 1 ed. – São Paulo : Expressão Popular, 2012.

A estranha objetividade do valor: trabalho, ideologia e capital no pensamento de Marx
PINHEIRO ARAÚJO, Wécio

GERAS, Norman. Marx and the Critique of Political Economy. In: **Ideology and Social Science**: politics, sociology, anthropology, economics, history. – Ed. by Robin Blackburn, Fontana/Collins, 1977, p. 284-305.

JAEGGI, Rahel. **Alienation**: News directions in Critical Theory. Columbia Uni. Press, 2014.

HERÁCLITO, de Éfeso. **Heráclito : fragmentos contextualizados**. Tradução, apresentação e comentários Alexandre Costa. – São Paulo : Odysseus Editora, 2012.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito** [*Phänomenologie des Geistes*]. Tradução de Paulo Meneses; com a colaboração de Karl-Heinz Effen, e José Nogueira Machado. – 5. ed. – Petrópolis, RJ : Vozes : Bragança Paulista, Editora Universitária São Francisco, 2008.

MARX, Karl. **Das Kapital**: Der Produktionsprozess des Kapitals. Erster Band, Erstes Buch (Kapitel XVI-LII). Hamburg, Nikol Verlag., 2016.

MARX, Karl. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858 : esboços da crítica da economia política. – supervisão editorial Mario Duayer; tradução Mario Duayer, Nélio Schneider (colaboração de Alice Helga Werner e Rudiger Hoffman). – São Paulo : Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. [*Ökonomie-philosophische Manuskripte*] Tradução, apresentação e notas de Jesus Ranieri. - 2. reimp. - São Paulo : Boitempo Editorial, 2008.

MARX, Karl. **O Capital** – Crítica da Economia Política. Livro 1 – O Processo de Produção do Capital. Vol. I – 10^a. Edição, Tradução de Reginaldo Sant' Anna. Do original em alemão: *DAS KAPITAL – Kritik der politischen Ökonomie* (Buch I: Der Produktionsprozess des Kapitals, Quarta edição, 1890). São Paulo : DIFEL, 1985.

MARX, Karl. **O Capital** – Crítica da Economia Política. Livro 1 – O processo de produção do capital. Do original em alemão: *DAS KAPITAL – Kritik der politischen Ökonomie* (Buch 1: Der Produktionsprozess des Kapitals. – São Paulo: Boitempo, 2013.

NICHOLS, Bill. **Ideology and the Image**: Social Representation in the Cinema and Other Media. Bloomington: Indiana University Press, 1981.